

## “Será o Benedito?”, “Conto do Vigário” etc. – Desmascarando falsas explicações sobre a origem de expressões populares

Jean Lauand<sup>1</sup>

**Resumo:** Notas complementares a duas conferências para professores e alunos da 3a. série do Ensino Médio do Colégio Luterano São Paulo (28-01-20 e 05-03-20) sobre critérios científicos de pesquisa, especialmente no campo da fraseologia, como base para trabalhos de investigação.

**Palavras Chave:** Pesquisa científica. Critérios. Jovens pesquisadores. Linguagem. Fraseologia

**Abstract:** Notes of two lectures (January and March, 2020) to High School teachers and students of the Colégio Luterano São Paulo on scientific method, specially in the field of language and phraseology.

**Keywords:** scientific method. scientific criteria. language studies. phraseology.

### 1 – Pesquisas em fraseologia: campo fértil para “chutes” e *fake news*. Formando jovens estudantes no rigor científico

Nada mais oportuno – agora que se inicia o ano letivo e vocês começam a preparar TCCs – do que refletirmos sobre critérios de rigor científico próprios das ciências humanas e, hoje em particular, de nossos estudos em fraseologia.

A jornalista Mariana Mandelli, da Folha de São Paulo, publicou em 13-02-20 “O que a Finlândia pode nos ensinar sobre *‘fake news’*”, mostrando que graças à educação midiática “os finlandeses são o povo mais resistente a crer em boatos e mentiras”. Claro que, infelizmente, o Brasil situa-se entre os povos mais predi-postos a engolir baboseiras e disparates... (<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/02/o-que-a-finlandia-pode-os-ensinar-sobre-fake-news.shtml> - Acesso em 19-03-20)

Para esta investigação contamos com uma preciosa ferramenta para estudos de fraseologia, já familiar para vocês: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos. Vamos ater-nos a casos concretos (sempre a melhor maneira de ensinar, como registra a língua espanhola: *enseñar é também mostrar!*). A partir dos erros cometidos em samba enredo do Carnaval do Rio deste ano, um par de edições do programa de rádio “Sem papas na língua” da Band News FM e de uma entrevista no Domingão do Faustão (dedicado ao tema), procuraremos discutir critérios científicos que podem ser úteis para a formação de jovens pesquisadores.

A importância do tema torna-se urgente na medida em que, em nosso país, esse tema é muito maltratado e gostaria de enfatizar o propósito deste nosso encontro:

---

<sup>1</sup>. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. Editor chefe das revistas *Coepta*, do Cemoroc, que acolhem artigos científicos de alunos do Ensino Médio. Membro correspondente da Real Academia de Letras de Barcelona. [jeanlaua@usp.br](mailto:jeanlaua@usp.br).

Infelizmente o precioso campo das origens das expressões é objeto de um incrível desprezo pelos mais mínimos critérios de seriedade científica. E não se trata só de “avalizados” *sites*, mas também, por vezes, de **prestigiosos professores e acadêmicos**...! E é muito importante que os jovens desenvolvam mecanismos de identificação dessas solenes lorotas e delírios fantasiosos desprovidos do mais elementar espírito crítico.

No afã de atinar com o sentido originário de uma expressão que o povo repete, difundem-se com preocupante frequência – com ares de certeza científica – explicações estapafúrdias, que o autor, por vezes, considera uma genialidade de sua “aguda” intuição. E sendo ele uma autoridade acadêmica, dispensa-se de documentar sua interpretação, pois se trata de divulgação “científica”. E afinal, o que prevalece em nossa sociedade – incrivelmente acrítica e pouco dada a cultivar rigor científico –, é o “*se non è vero, è bene trovato*”, se não é verdadeiro, é uma boa tirada.

Em seus primórdios (ano 1700), a Real Academia de Letras de Barcelona (da qual tenho a honra de ser Membro Correspondente) se intitulava “Academia dos Desconfiados” (*Desconfiats*). E, de fato, a desconfiança é um salutar princípio básico da investigação científica.

Tomaremos alguns exemplos que podem ajudar a exercer essa necessária desconfiança – **tão mais importante em tempos de *fake news***. É muito bom que os jovens desconfiem, não engulam supostas unanimidades nem “carteiradas de diploma” e desenvolvam uma sóbria atitude crítica.

## 2. A origem de “conto do vigário”: dois sambas enredo do carnaval do Rio 2020

Como dizíamos, no campo da fraseologia, há muitas interpretações falsas ou pelo menos muito suspeitas. Começaremos com um exemplo: o que originariamente significa o “conto do vigário” (e o “vigarista” e a “vigarice”)?

Neste país de falcatruas, “Conto do Vigário” foi samba enredo de duas escolas de samba no carnaval deste ano: a São Clemente e (piada pronta) a Vigário Geral.

A São Clemente, que brilhou com Marcelo Adnet interpretando o presidente Bolsonaro, apoiou-se na falsa historietta que circula como sendo a verdadeira origem da expressão: a história do burrinho de Ouro Preto.

O sino toca na capela e anuncia  
Nossa Senhora, começou a confusão  
Quem vai ficar com a imagem de Maria?  
O burro vai tomar a decisão  
Mas o jogo estava armado  
Era o conto do vigário

Qual é essa história apócrifa do burro? A Wikipedia ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Conto\\_do\\_vig%C3%A1rio](https://pt.wikipedia.org/wiki/Conto_do_vig%C3%A1rio). Acesso em 19-3-20) nos conta a historietta – “das mais conhecidas” sem nenhuma indicação documental ou bibliográfica. E a própria narrativa é inverossímil. E o *site* Brasil Escola do Uol reafirma (<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/conto-do-vigario.htm>. Acesso em 19-3-20) sem restrições que a história foi essa:

O conto do vigário aconteceu no século XVIII na cidade de Ouro Preto entre duas paróquias: a de Pilar e a da Conceição que queriam a mesma imagem de Nossa Senhora. Um dos vigários propôs que amarrassem a santa no burro ali presente e o colocasse entre as duas igrejas. A igreja que o burro tomasse direção ficaria com a santa. Acontece que, o burro era do vigário da igreja de Pilar e o burro se direcionou para lá deixando o vigário vigarista com a imagem.



Acessos em 19-03-20 <https://g1.globo.com/carnaval/2020/playlist/carnaval-2020-sao-clemente.ghtml>  
<https://www.gilbertolima.com.br/2020/02/marcelo-adnet-tira-sarro-de-bolsonaro.html>

E o *site* do Terra corrobora a lorota, creditando-a a uma pesquisadora, a quem identifica como “historiadora”, Denise Lotufo (Acesso em 19-03-20, cache <http://noticias.terra.com.br/educacao/vocesabia/interna/0,,OI2060022-EI8402,00.html>). O fato é que dezenas de *sites* (praticamente unanimidade na Internet), inclusive de ilustres acadêmicos (cf. p. ex.: a **tese de doutoramento** em [http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/13827/1/PSEUDOAn%C3%AAliseSociocognitiva\\_Oliveira\\_2013.pdf](http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/13827/1/PSEUDOAn%C3%AAliseSociocognitiva_Oliveira_2013.pdf). Acesso em 19-03-20; e também o artigo de um muito conhecido jurista: <http://cartaforense.com.br/conteudo/colunas/o-conto-do-vigario-e-a-torpeza-bilateral/12165>. Acesso em 19-03-20) dão por assente a autoria da mencionada Lotufo, **mas nenhum deles diz em qual obra é registrada a suposta descoberta**. Digo “suposta” pois embora a mencionem textualmente nunca está incluída em qualquer das referências.

Diga-se de passagem, que é bom para a formação científica de jovens pesquisadores aprender que, em um trabalho como este nosso (que pode ferir suscetibilidades), devem tomar a precaução de salvar as *html* dos *sites* citados, que amanhã ou depois poderão ser removidos ou alterados... E que aprendam também, em seus trabalhos, a sempre incluir as referências.

Enquanto esperamos que nos indiquem a fonte (que nem a tese de doutoramento o fez!), devemos alertar nossos alunos para buscar informações sobre o autor, instituição em que se formou ou atua e em que contexto se insere a obra citada, para que não cometam o erro de propagar um texto que pode não ser nada mais do que uma desleixada invencionice. Será que a história do burro do vigário não é apócrifa e não passa de uma vigarice? (Desde já peço desculpas à colega DL, caso ela exista e eu tenha me equivocado).

Passando para a parte positiva (e paciente) de uma pesquisa documental sobre a expressão, no *hebdomadário* da BN, veremos que “conto do vigário” surge não no século XVIII, mas só em 1885 (já então chamado de célebre) e alastra-se por toda a imprensa nacional: até 1889 aparece cerca de 300 vezes e, na década seguinte, supera largamente mil incidências!

Fica aqui um convite à investigação:

## Sugestão de atividades de pesquisa no caso

### 1. A historinha atribuída a Lotufo é verossímil?

Ter em conta que no caso típico de “conto do vigário”, há uma ação verbal, uma lábia (como na ilustração abaixo) do malandro em relação ao otário (o que falta no caso de Ouro Preto). E outro elemento importante é o oportunismo e a má fé do ingênuo que nele cai, pensando em auferir ganhos fáceis (o que também falta na história do burrinho).

### 2. Procurando a historiadora Denise Lotufo

Pode-se procurar essa “pesquisadora” DL na Plataforma Lattes. Outra sugestão é buscar seu nome em um portal como o Estante Virtual (que contém cerca de 20 milhões de livros).

### 3. A própria coerência interna da historieta

De onde terá surgido uma imagem, que é disputada por duas paróquias? Etc.

Entre tantos outros temas de discussão que podem advir da leitura dos jornais do fim do século XIX, cabe notar que as formas derivadas “vigarista” e “vigarice” só aparecem (e timidamente) na década seguinte (anos 1890), e só se firmam (especialmente a primeira) na primeira década do século XX. Outro ponto interessante para uma discussão de pesquisa é a acumulação semântica da palavra “conto”: a lorota e o conto de réis (mil vezes mil réis), importante referência monetária também para os golpes da época.

Falávamos da lábia como parte típica do golpe. A capa do No. 482 (1888) da Revista Ilustrada, acusa o governo (na pessoa do Barão de Cotegipe) de **contar** o “conto do vigário” ao promover abolicionismo.



### 3. Um exercício prático de rigor científico na análise de locuções: Deonísio da Silva em um programa da Band News FM

Uma proposta interessante para a formação de jovens pesquisadores, no sentido de torná-los “desconfiados”, é a análise crítica de um caso, que é um autêntico laboratório: uma edição do programa de rádio da Band News FM “Sem papas na língua” (7-5-2015), de um dos mais conhecidos autores de livros de etimologias e origens de locuções, um conceituado acadêmico, o Prof. Dr. Deonísio da Silva (esse autor proporciona muitos outros casos de análise que, se for o caso, analisaremos em artigos futuros).

Ele dialoga com o saudoso jornalista Ricardo Boechat e o radialista Rodolfo Schneider, na emissão de 7 de maio de 2015.

Vamos discutir alguns tópicos propostos nesse vídeo, que se encontra em:

<https://www.youtube.com/watch?v=2JXfS6-8XzI> (acesso em 19-03-20)

O Currículo Lattes do professor (atualizado em 2-3-2020) é muito rico e repleto de títulos (<http://lattes.cnpq.br/0770495616737884>. Acesso em 19-03-20) e começa precisamente destacando sua coluna: “Deonísio da Silva, colunista da Rádio Bandnews Rio desde 2011 até hoje”, sua longa (2003-2020) e variada atuação na Universidade Estácio de Sá (incluindo cargos de vice-reitoria) e inúmeras colaborações na mídia, frequentemente na área de etimologia e origem das expressões, na qual se consagrou como um grande nome nacional na área, tendo publicado os best-sellers: “De onde vêm as Palavras” (já na 18ª. edição) e “A Vida Íntima das Frases” (17ª. edição). Esse impressionante currículo, junto com o tom de certeza e autoridade com que profere suas interpretações, não nos devem dispensar da análise crítica, própria dos “*desconfiats*”, mesmo que jovens e iniciantes. Aliás, **o questionamento e devida dúvida é sempre uma atitude saudável no cientista.**

O referido vídeo é muito instrutivo para formar na “desconfiança” crítica: a começar pelo tom professoral, de certezas do entrevistado, “onisciente” e sem dúvidas, contrapontado pela atitude de “discípulos” dos entrevistadores, totalmente dóceis ante as declarações (por estranhas que possam parecer...) do “cientista”. O equívoco está em preferir provocar encantamento em vez de suscitar questionamento, de modo que ao ouvinte parece que só cabe a atitude reverente de, também ele, acatar as pérolas de sabedoria que ouve. Mas, também pode e deve desconfiar...

O vídeo dura 18:41m e começa com a vinheta do programa (patrocinado pela própria Universidade Estácio de Sá) e Ricardo Boechat anuncia que essa edição será dedicada a “nomes próprios que são apropriados pela linguagem popular, ganhando outras características”. A pauta, ao que parece, foi estabelecida pelo entrevistado.

**À Beça** – Aos 3:07m, Boechat começa perguntando o que é “à beça”. O entrevistado responde categoricamente:

É o Gumerindo Bessa e ele falava muito. Cada vez que ele pedia uma audiência, quem o recebia reclamava que quando ia falar, não falava nada porque ele já tinha falado bastante. Daí quem falasse muito, falava “à beça”, como o Bessa. E “à beça” passou a significar quantidade de coisas...

Devemos desconfiar dessa certeza, sobretudo quando muitas objeções se levantam contra essa “historinha etimológica”, própria de “etimologia de almanaque e seu gosto pela anedota fácil”, como pondera Sérgio Rodrigues em seu blog na Veja (12-4-2011 e 20-2-2-17):

Uma historinha etimológica que goza de popularidade há décadas atribui a origem da expressão “à beça” (que significa em grande quantidade ou intensidade, em profusão), locução adverbial exclusiva do português brasileiro, ao sobrenome do jurista sergipano Gumercindo Bessa (1859-1913), que ganhou em certo debate público com Rui Barbosa – do qual saiu vitorioso – a fama de ser uma cornucópia de argumentos. (...) Provavelmente não foi nada disso. A teoria Bessa é curiosa, mas filólogos sérios sempre lhe negaram crédito. O dicionário Houaiss – que esconde em letrinhas miúdas um show de compilação etimológica a cada verbete – lista algumas teses de maior prestígio para explicar a expressão, registrada pela primeira vez em torno de 1910. Invoca João Ribeiro, que viu em “à beça” relação com a palavra arcaica “abesso” (sem ordem), e menciona a acolhida que teve durante muito tempo entre os sábios a tese de uma obscura origem africana ou tupi – explicação, aliás, para a grafia oficial com cê-cedilha. Mas acaba revelando certa inclinação pela expressão francesa *à verse* (em quantidade), que também me parece a origem mais provável, não só pela perfeita coincidência semântica como pelo fato de termos, na época, uma cultura letrada maciçamente francófila. O problema, para a etimologia de almanaque e seu gosto pela anedota fácil, é que tudo isso soa confuso à beça. (<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/a-beca-tem-historia-a-beca/>. Acesso em 19-03-20)

### Até tu, Brutus...

A seguir, comentando o episódio do assassinato de César, o professor de Latim da Universidade Estácio de Sá, sentenciar (4: 45m):

Boechat, aproveito para lembrar que *brutus* não quer dizer indelicado; *brutus*, em latim, é pesado.

Sim, *brutus* é pesado, mas também “estúpido”, “*dull, stupid, insensible, unreasonable*”, como afirma e abona o criterioso Dicionário de Lewis & Short:

II. Trop., dull, stupid, insensible, unreasonable., A. **Of men:** brutum dicitur hebes et obtusum ... Pacuvius Hermiona: et obnoxium esse aut brutum aut elinguem putes, Non. p. 77, 31 sq.: fortunam insanam esse et caecam et brutam perhibent philosophi, Pac. ap. Auct. Her. 2, 23, 36: quod bruti nec satis sardare queunt, Naev. ap. Fest. s. v. sardare, p. 322 Müll. (Bell. Punic. v. 65, p. 18 Vahl.): T. Manlius relegatus a patre ob adulescentiam brutam atque hebetem, Sen. Ben. 3, 37, 4; App. M. 7, p. 191, 30: homo, Lact. 7, 4, 12; Prud. στερ. 2, 66; cf. 2. Brutus, II. B. (<http://alatus.com/ls/index.php?l=Brutus>. Acesso em 19-03-20)

### Casa da mãe Joana

Em seguida (5:08 m e ss.), a propósito dessa expressão, nosso especialista reproduz (a seu “modo” e sem citar a fonte) a interpretação clássica de Câmara Cascudo. Diz o grande folclorista Cascudo:

Joana, rainha de Nápoles e condessa da Provença (1326-1382), em sua tumultuosa existência, refugiou-se em Avignon (1346). No ano seguinte regulamentou os bordéis da cidade. Um dos artigos estatutais dizia: - *Et que siegs une porto... dou todas las gens entraron*. Tenha uma porta por onde todos entrarão. Ficou sendo o prostíbulo o Paço da Mãe Joana, e assim o nome divulgou-se em Portugal” (...). No Brasil, Paço não é vocábulo popular. Tornou-se Casa e, às vezes, com nome mais repugnante e feio. Não terá, a Casa da Mãe Joana, outra origem. (<https://noticiasdapauliceia.blogspot.com/2010/04/mais-um-cascudo-em-sua-cabeca.html>. Acesso em 19-03-20)

Embora essa historieta seja engolida amplamente e reafirmada, sem sombra de dúvidas, por Deonísio da Silva, os *desconfiats* não a acham plausível e ficam de orelha em pé: rainha de Nápoles (!?) meados do século XIV (!?), mãe, paço, casa etc. (!?).

E os desconfiados vão pesquisar na Hemeroteca da BN e encontram dados importantes e muito interessantes. Por exemplo, que no século XIX há muito poucas referências à “casa da mãe Joana” (abreviaremos por CMJ) e muitas mais simplesmente à “mãe Joana” (MJ) ou a outras “propriedades” dela que não a casa. O que leva a pensar que a casa em CMJ seja simplesmente um eufemismo para evitar o originário c\* da MJ... Na Espanha, com a expressão correspondente “*coño de Bernarda*”, também se diz – para referir-se a uma situação de desordem, zona, bagunça – simplesmente “*es la Bernarda*”, omitindo pudicamente o *coño*.

As duas primeiras referências à MJ aparecem na imprensa em 1831 e 1862, não sendo muito claro se se referem ao sentido que estamos examinando. O Jornal “O Americano”, de 3-9-1831, ironiza as grosserias de um Sr. Castro Alves, que na Câmara falou “em madre na cabeça para emprenhar pelos ouvidos em mãe Joana”. Em um poema satírico de 14-6-1862 do jornal Porto Livre fala, talvez no sentido pejorativo de MJ, que “he sua mãe Joana”.

Já MJ, claramente em nosso sentido de bagunça, começa a aparecer em 1878: “A Revolução” (3-11-1878) recolhe o editorial de um congênera que vai enumerando os nomes dos chefes que mandam em diversos estados (Fulano em Minas, Beltrano em São Paulo...) e desfecha: “mas o Rio é a mãe Joana”.

Nos dois usos que se seguem (1882 e 1893), fala-se de partes da MJ. O Diário de Belém, de 29-8-1882, responde ao jornal O Liberal: “Tranquillise-se portanto ‘O Liberal’: não somos concorrentes à teta da mãe Joana” (os favores do governo). E na edição da primeira semana de dezembro de 1893, em sua linguagem desabrida, o *satyrico* O Badalo avisa a um Mister Bof que “Isto aqui não é o ... [sic] da Mãe Joana” (assim, com o artigo masculino). Note-se que em O Pasquim de 7 a 13-5-70, Millôr Fernandes reforça o provável original da expressão: “Tá pensando que isto aqui é o asterisco da Mãe Joana (...) Vá tomar no asterisco”. E, no mesmo sentido, em 8-4-1950 a revista Careta, falando da distribuição de cargos para amigos, diz “é ‘aquilo’ da mãe Joana”.

No fim do século, a imprensa se refere à CMJ em dois casos de peças de teatro que têm a expressão por título (talvez um eufemismo para não intitular: o c\* da MJ...). Em 1897, Manfredo Costa recitava o monólogo “A mãe Joana” no teatro (O Paiz, 12-

3-1897) e, em 31-12-1898, um anúncio de *Colecções Theatraes*, na Gazeta da Tarde, oferece a peça “Mãe Joanna” (será a mesma?) por 200 réis.

CMJ é pouco usada no início do século XX. Em 5 de janeiro de 1918, o Pacotilha fala que o Tesouro se transformou em CMJ. Em 30 de abril de 1920, o mesmo jornal refere-se à criação de um município que enfrentou protesto de uns xerimbabos (paus mandados) que se reúnem na Casa da Mãe Joana. Mas aparecem outras “localidades” da MJ. Em 18-10-1924, o A.B.C. diz que “o Brasil tem governo e não é por ali um samburá de Mãe Joana onde qualquer um põe e dispõe a vontade”. “O Combate”, de 16-03-1929, diz: “foram tantos, ultimamente, que vieram mexer ali, que virou caldeirão de mãe Joana”.

Só a partir do fim da década de 30, vai se firmando a expressão CMJ. A revista Careta de 10 de abril de 1937 publica uma ilustração, referindo-se ao governo, intitulada “A casa da Mãe Joana”. E em 9-4-38 é a caricatura da capa dessa mesma revista.

Na década de 40 vai se consolidando a formulação “casa da mãe Joana” em cerca de 3 dezenas de incidências contra tantas outras de distintas propriedades da referida genitora: banco, clube, teatro, família, campo ou na forma simples: “Não é Mãe Joana”. O Cruzeiro de 13-11-43 anuncia que a Rádio Educadora vai lançar um programa intitulado CMJ. Nas décadas seguintes, a expressão vai crescentemente ganhando seu espaço.

Será que a expressão procede mesmo da rainha de Nápoles ou a “Joana” é simplesmente uma referência arbitrária, como a Geni do Chico Buarque?

### **Até aí morreu o Neves**

É no comentário a esta expressão que a vergonha alheia como pesquisador atinge seu máximo: se não tivesse ocorrido não acreditaríamos! Diz Deonísio (6:55 m e ss.) com sua habitual certeza infalível:

O Neves era um assessor do Padre Feijó (...) e ele foi assassinado, quando, a mando do Pe. Feijó, que era regente do Império, foi apaziguar um conflito. E isso provocou um grande auê aqui no Rio, quando conversavam, mas a conversa foi ficando tão repetitiva que quando alguém contava uma coisa o outro dizia: “ – Tá, tá eu sei, morreu o Neves” e virou uma expressão: “Até aí morreu o Neves”, agora conta outra”.

Essa explicação foi tomada do, intencionalmente debochado, livro “Mas será o Benedito?” de Mário Prata. Como Prólogo, Mário Prata avisa que suas explicações são fantasiosas e, lendo o livro, vê-se que é mesmo pura “viagem na maionese”:

### **Explicação mais do que necessária**

Sempre tive a curiosidade de saber a origem de certas expressões brasileiras. Comecei a pesquisar e descobri que cada autor (e/ou filólogo) dá uma versão diferente para a mesma expressão. “Para inglês ver”, por exemplo, encontrei quatro origens diferentes.

Já que a situação era essa, resolvi escrever este livro, dando as minhas “versões”. Apenas seis são reais e explicadas por Câmara Cascudo. Nestas, dou a fonte.



Você vai encontrar aqui a origem de 419 provérbios, expressões ou ditos populares brasileiros. Antes de começar a leitura, convém dar uma olhada na pequena bibliografia das páginas seguintes. São livros fundamentais para a interpretação de muitos dos verbetes. **Invenção pura. Não leve a sério.** [grifo nosso] Mas divirta-se!  
(<https://marioprata.net/literatura-2/livros-adultos/mas-sera-o-benedito/explicacao-mais-do-que-necessaria/>. Acesso em 19-03-20)

Uma dessas baboseiras disparatadas intencionais do Prata é a história do Neves, assessor do Feijó, mencionada, porém, a sério por Deonísio.

Joaquim Pereira Neves foi assessor do Padre Feijó, durante o período do Brasil Império. Teve uma morte horrível, sendo decapitado pelos índios. Não se falava sobre mais nada na Capital a não ser da morte do Neves. Encheu tanto o saco que as pessoas começaram a dizer: “até aí morreu o Neves”, ou seja, “quero novidades”. A expressão significa que embora a morte do Neves seja um fato grave (alguém morreu), como ele representa apenas um ilustre desconhecido sem qualquer relação com os interlocutores, o fato não traz maior implicação, e pode ser ignorado. (Prata, Mário **Mas será o Benedito?** São Paulo: Planeta do Brasil, 2011, e-book)

O Dr. Deonísio da Silva diz que o Neves foi assassinado em missão “a mando do Pe. Feijó, que era regente do Império”. Ora Feijó foi empossado em 12-10-1835, mas já três anos antes, em 9-8-1832, em O Olindense já um leitor se queixa em uma carta que não quer lições sobre o que já conhece, pois até aí “morreo o Neves”...

### **Mas será o Benedito?**

A seguir, vem a expressão acima. Diz nosso fraseologista (7:48 e ss.)

Essa tem uma história curiosíssima: o Getúlio Vargas surpreendia aliados e adversários com nomeações que ninguém entendia. E começou-se a dizer que o próximo intendente de Minas Gerais ia ser Benedito Valladares que era um homem muito, mas muito mesmo, inculto, ignorante, mas um político intuitivo. É um *avant-Lula*, assim, digamos. E aí começou-se a murmurar: “o próximo intendente – que equivale a governador, hoje em dia – vai ser o Benedito. E daí as pessoas duvidavam: “Mas será o Benedito?”

Mais uma vez Deonísio da Silva escorrega na cronologia. A (inesperada) nomeação de Benedito Valadares por Vargas deu-se em dezembro de 1933 (ainda em 11-12-33, o Diário da Noite-RJ, dizia tomar vulto o boato de que Valladares seria o interventor em Minas, por ser aparentado de Getúlio). Só que muito antes disso a expressão já andava na boca do povo. No final de 1931, evidentemente sem relação alguma com Valadares, já tocava nas rádios a muito popular marchinha de carnaval “Será o Benedito?”:

Benedicto, Benedicto  
você tem peso, tem azar na vida  
Benedicto, Benedicto

A culpa toda é da Margarida  
A Margarida é matriculada [tem prática, é matreira]  
e fez macumba pra você casar  
E neste andar o seu fim será  
vender pipoca e amendoim torrado  
Depois quando passares pela rua  
Gritando: pipoca  
E amendoim torrado  
Todas as meninas vão perguntar:  
Será o Benedito? (“A Gazeta”, São Paulo, 22-1-1932)

Com o sucesso da marchinha, imediatamente já o povo começa a se perguntar: “será o Benedito?”. Por exemplo em março de 1933, é título de notícia que falava da compra de “cracks” do Botafogo pelo Fluminense, entre eles um chamado Benedito (Diário da Tarde, 9-3-1933, PR).

### **No tempo do Onça**

A propósito da expressão acima, o entrevistado diz (8:35m):

(...) Não, **não é Onça animal**. Boechat, esses **sobrenomes** [grifo nosso] de bichos mereciam que a gente fizesse um programa exclusivo sobre eles: Lobo, Leão, Cordeiro (...). Esse bichos são sobrenomes porque são totens de família; no começo os ancestrais dessas famílias acreditavam descender de um bicho, porque era tido como uma distinção na família. Este Onça é **sobrenome** de um governador do Rio, do século XVIII, que fez muitas obras e, quando alguém referia alguma coisa, dessas obras e dessas coisas, se dizia: “Isso aí é do tempo do Onça”, isto é, muito antigo.

Só que não! Nunca houve um governador de nome Onça, mas esse era o **apelido** de Luís Vahia Monteiro. Baste a esse respeito, uma nota publicada no Arquivo Nacional:

Outra personagem central e bastante marcante no processo foi o governador do Rio de Janeiro entre 1725 e 1732, Luís Vahia Monteiro. Seu governo foi marcado por relações difíceis com a elite local: incapaz de negociar com esta, viu-se constantemente em situações de enfrentamento ao defender com rigidez implacável as leis e determinações da Coroa. No seu zelo e dedicação em evitar a evasão de divisas que por lei pertenciam ao rei, Vahia Monteiro dispôs contra si câmaras locais, funcionários intermediários, negociantes que, muitas vezes, para atingir a sua reputação e credibilidade, imputavam-lhe a fama de irracional e desequilibrado, o que lhe valeu a alcunha de “o Onça”.

([http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4699:comentario-ouro-e-diamantes-na-colonia-americana&catid=85&Itemid=215](http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4699:comentario-ouro-e-diamantes-na-colonia-americana&catid=85&Itemid=215). Acesso em 19-03-20)

### **Inês é morta**

Deonísio explica esta expressão (11:10 m):

A Inês era amante de D. Pedro, no séc. XIV. D. Pedro, rei português chamado D. Pedro, o Cru (porque nessa época cru não quer dizer que não é cozido, quer dizer cruel) e quando ele se retira do reino, o pai manda decapitar a Inês porque ela ameaça o poder na sucessão, e ela tem quatro filhos com o D. Pedro. Quando ele volta, ele não só mata dois dos três assassinos (...) tira a Inês do túmulo, põe a Inês num trono e desfila por todas as aldeias de Portugal (no séc. XIV, hein, primeira metade), para que o povo beije a mão de Inês. Só que não adiantou mais nada, porque Inês é morta.

Os desconfiados pediriam ao autor (que, nos casos aqui analisados, não cita suas fontes), que alertasse que está lidando com mitos, alguns exageradamente inverossímeis, como o do macabro desfile “por todas as aldeias de Portugal”.

### **Banho-maria**

A seguir, Deonísio explica a origem desta expressão (12:30 m), como se o que diz fosse óbvio, por todos conhecido e indiscutível. Como se disséssemos: “segundo a Bíblia, Moisés liderou a saída dos hebreus do Egito, lançou pragas, abriu o Mar Vermelho etc.”.

Banho-maria é Maria, a irmã do Aarão, aliás do Moisés, ela inventou esse tipo de coisa que demora, demora muito a fazer, qualquer coisa que demore muito a fazer. Então passou a significar uma coisa demorada. Deixa eu consultar aqui...: É Maria, irmã de Moisés, ela usava esse tipo de coisa, cozinhar muito devagar na culinária, depois o termo passou para a alquimia e chegou à política: quando não quer fazer uma coisa – como a maioria dos políticos fazem – deixa em banho-maria.

Penso que dispense comentários.

### **Larápio**

Esta procede de outra fonte, o blog de Deonísio na Estácio. Trago-a aqui porque oferece uma outra ideia de pesquisa para nossos jovens. Como lidar com essa afirmação que não traz nenhuma documentação?

Como registrado em meus livros “De onde vêm as palavras” (17a edição, Editora Lexikon) “A Vida Íntima das Frases” (3a edição, Editora Novo Século), havia na antiga Roma um pretor, cujo nome era Lucius Antonius Rufus Appius. Pretor era uma espécie de juiz entre os romanos. Esse fabricava e vendia sentenças a quem melhor pagasse por suas decisões. Como se percebe, o costume é antigo. Ele se chamava Lucius Antonius Rufus Appius e abreviava o nome para L.A.R. Appius. Essa rubrica originou o neologismo larápio, e veio a

designar o juiz ladrão, aplicando-se também a gatunos de outros ofícios e profissões.  
(<https://blog.estacio.br/ladrao-e-larapio/>. Acesso em 19-03-20)

Uma ideia simples e eficaz: verificar como esse tal (inexistente e inventado?) romano “Lucius Antonius Rufus Appius” aparece em buscas no Google. Essa busca (em 27-03-2020) indicou 511 resultados: todos em português e referindo o trecho acima... O que suscita algumas questões: por que não consta qualquer referência em nenhuma outra língua? Por que quem se apresenta como autoridade acadêmica dá afirmativas não referenciadas? Por que quem as propaga suprime seu próprio espírito crítico e se dispensa de verificar sua autenticidade?

O mais intrigante é que o mesmo Dionísio, entrevistado por Jô Soares, (<https://www.youtube.com/watch?v=DvlvsoYYULg>. Acesso em 19-03-20) imediatamente antes de repetir essa suposta etimologia (20:00 m e ss.), afirma literalmente (18:50 e ss.):

Eu queria te dizer, Jô, que para fazer esse livro [objeto da entrevista] eu dou uma origem científica, pertinente, faço muitas pesquisas e digo de onde vem a palavra mesmo, com segurança. Depois a brincadeira que eu faço é em cima disso, mas a origem dela é verdadeira, científica.

É a partir dessa afirmação que me sinto à vontade para dialogar com o autor.

Em outra edição do programa de rádio da Band News FM “Sem papas na língua”, o colunista Prof. Dr. Deonísio da Silva volta à carga, explicando ao saudoso Ricardo Boechat, a origem de algumas outras expressões, na emissão de 22-01-2015 (<https://www.youtube.com/watch?v=7AZ3CSWJRgo&t=1093s>. Acesso em 19-03-2020).

**Fazer uma vaquinha.** Deonísio aponta (26: 25m e ss) a origem dessa expressão:

A expressão “fazer uma vaquinha” nasceu em 1920. Até então os torcedores pagavam os jogadores com arrecadações voluntárias, não havia remuneração no futebol [o próprio Vasco informa que o futebol profissional começou em 5 de novembro do ano de 1915 [https://pt.qwe.wiki/wiki/CR\\_Vasco\\_da\\_Gama](https://pt.qwe.wiki/wiki/CR_Vasco_da_Gama), nota nossa]. E se eles conseguissem arrecadar 5000 réis, o bicho era o cachorro (porque o jogo do bicho entrava nessa: o número do cachorro é 5). Para 25000 réis é o grupo da vaca. E certa vez, para remunerar o Vasco, foi instituído fazer uma vaquinha, porque tinha que arrumar o número correspondente ao número da vaca em mil réis. E o primeiro clube a fazer uma vaquinha foi o Vasco da Gama. Desde então, “fazer uma vaquinha” passou a designar essa atitude solidária de você recolher entre várias pessoas o valor necessário para fazer alguma coisa.

Há aí alguns erros e começaremos pelo mais grave, o da datação. Não, a **expressão não foi criada em 1920** e é muitíssimo anterior ao Vasco e ao futebol. Já

aparece na imprensa **do século XIX** (mesmo antes do jogo do bicho, que surgiu em 1892), preferentemente na forma “fazer uma vacca”, mas também como “fazer uma vaquinha”. Assim, em uma alegoria das nações, no “Diário de Pernambuco” (17-4-1878) a França propõe uma ação conjunta com a Áustria, dizendo precisamente: “Façamos uma vacca”. E em 4 de abril de 1896, “O Lynce” de Macaé, imagina um diálogo no qual um amigo propõe a outro “Queres fazer uma vacca?” para apostar no elefante no jogo do bicho... E na “Gazeta da Tarde” (27-08-1887) do Rio de Janeiro, alguém propõe “fazer uma vaquinha” para apostar na corrida de cavalos. As duas formas convivem, mas aos poucos “fazer uma vaquinha” acaba prevalecendo e desbancando a antiga “fazer uma vacca”. Sem falar que a expressão “*hacer una vaca*” (/ *vaquita*) existe também em diversos países da América Latina! (cf. por exemplo: <https://www.notimerica.com/que-significa/noticia-significa-hacer-vaca-20160508075934.html>. Acesso em 19-3-20).

Mário Filho, nosso maior jornalista futebolístico e próximo daqueles acontecimentos, escreve a respeito:

Se o Vasco perdesse o português ia passar mal, nem ia poder andar no meio da rua. Por isso mesmo (...), o português dava dinheiro aos jogadores (...). Chamava-se esse dinheiro de “bicho” porque, às vezes era um cachorro, cinco mil réis, outras, um coelho, dez mil réis, outras, um peru, vinte mil réis, um galo, cinquenta, uma vaca, cem. Não parava aí. Havia vacas de uma, de duas pernas, de acordo com o jogo. Contra o América, “campeão do Centenário”, contra o Flamengo, bicampeão, contra o Fluminense, tricampeão, uma vaca de uma perna era pouco, só mesmo de duas pernas. (...) Antes do Vasco já havia ‘bicho’. Joaquim Guimarães, em 15, quando foi encarregado com Flávio Ramos, de organizar um escrete carioca, imaginou o regime das gratificações aos jogadores (...). O nome de “bicho” é que data de 1923.

(**O negro no futebol brasileiro** Petrópolis: Fumo, 1994, p. 153)

### **Pensando na morte da bezerra**

No mesmo programa “Sem papas na língua” de 22-01-2015, Deonísio, a convite de Boechat, explica a que se deve, segundo ele, a origem desta expressão (17:34 m e ss.), que, na verdade, ele desvia para “chorando” (em lugar de “pensando”) a morte da bezerra:

(...) é de origem hebraica. As origens hebraicas no Brasil, na língua portuguesa, são muito escondidas – às vezes até propositadamente ocultas por causa da perseguição aos judeus na Península Ibérica –, mas ela tem uma origem no bezerro, que é um animal sagrado em muitos cultos – dos cananeus e tal..., o bezerro de ouro dos hititas (...). Às vezes, o bezerro, a bezerra, era um animal a que as crianças da família se apegavam e ele era sacrificado e então a pessoa ficava “chorando a morte da bezerra”. Tem um registro do Absalão, filho de Davi, que fica chorando a morte da bezerra, quando a bezerra é sacrificada.

(<https://www.youtube.com/watch?v=7AZ3CSWJRgo&t=1093s>. Também em <https://www.youtube.com/watch?v=7AZ3CSWJRgo> Acessos em 19-3-20.)

Na BN (RJ) há só meia dúzia de registros de “chorando (/chorar) a morte da bezerra” e mais de cem “pensando (/pensar na) a morte da bezerra”... E na Bíblia, **não há registro** de Absalão chorando bezerra. Para além da suposta tradição hebraica, a morte de uma bezerra é um prejuízo, que pode ocasionar ponderações inúteis, dado que ela já está morta... Em inglês existe a clássica frase feita: “*Whose mare is dead?*” (lit.: “morreu a égua de quem?”, no sentido de “qual é o problema?”, “por que a melancolia?”), verbete abonado (incluindo a peça “Henrique IV” de Shakespeare) no “Dictionary of Proverbs” da Wordsworth, no Google Books (de 1993): (<https://books.google.com.br/books?id=7PMZJqSR4sAC&pg=PA372&lpg=PA372&dq=%22Whose+mare%27s+dead?%22&source=bl&ots=AUksNBMxU6&sig=ACfU3U31GCSH5tahvfj1dZg6wyTpkN-jDg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjX-ouk18HoAhUiErkGHQu9CbY4ChDoATAAegQICBAB#v=onepage&q=%22Whose%20mare's%20dead%3F%22&f=false>. Acesso em 19-3-20)

Parece tratar-se de associação tupiniquim: a busca conjunta “Absalão” – “morte da bezerra” resulta em 2250 *sites* no Google (em 30-3-2020), enquanto “*Absalón*” – “*muerte de la becerra*” produz ZERO resultados.

### **A corda chamada Teresa**

No programa “Sem papas na língua” de 21-01-2016, Deonísio responde à pergunta de Boechat (11:33 m e ss.) sobre a corda Teresa, que presidiários usam para fugir da cadeia (<https://www.youtube.com/watch?v=AJ3y84F7u2g>). Acesso em 19-3-2020). Uma “descoberta” desse porte, não vou comentar: limitar-me-ei a expressar perplexidade e meu imenso desejo de conhecer as fontes (com pontos de exclamação e interrogação entre colchetes).

Boechat, essa é fantástica! Eu estou há décadas atrás de porque que a corda feita de lençóis e trapos para fugir da cadeia (...) se chamava Teresa. Estava tão pertinho de mim a resposta, rapaz, porque eu achava improvável, né? Essa teresa foi usada pelo escritor São João da Cruz, que era também místico, carmelita também, muito amigo da Teresa, ele estava sendo torturado numa cela do convento por carmelitas seus colegas, que não queriam a reforma carmelita, e ele precisava fugir dali, ele não tinha outro jeito. Ele teve uma visão, a Teresa apareceu para ele [!?!] e ensinou o João da Cruz e disse a ele; “- Pegue o seu cobertor, faça tiras, amarre umas nas outras e fuja!” Ele seguiu essa visão, fez as tiras e pulou pela janela usando essa teresa. Lá embaixo tinha um cachorro, o cachorro fugiu, ele foi atrás do cachorro onde o cachorro fosse. O cachorro pulou um muro e chegou no pátio do convento da Teresa de Ávila, onde ela o recebeu [!?!] e protegeu. Essa palavra, Boechat, veio do espanhol da Espanha [!?!] para o espanhol latino, aqui na Argentina, foi para o lunfardo como gíria [!?!] e alguém... a minha hipótese é a seguinte: ou alguém, algum argentino meliante foi preso aqui e conviveu com os presos brasileiros e ensinou a teresa, ou então ele deu esse nome ao que eles já faziam.

### **4. A propagação de interpretações falsas (/suspeitas) na mídia escolar**

O mais grave é que essas interpretações falsas são reproduzidas na mídia acessada pelos jovens estudantes. A seguir, alguns exemplos.

O erro de “fazer a vaquinha” foi parar no *site* da revista Super Interessante:

Qual é a origem da expressão "fazer uma vaquinha"?

Tudo indica que ela tenha sido criada pela torcida do time de futebol do Vasco, durante a década de 20. Etc. (<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-e-a-origem-da-expressao-fazer-uma-vaquinha#>. Acesso em 19-03-2020)

E também no *site* Brasil Escola da UOL:

(...) Só para se ter uma ideia, lá pelas primeiras décadas do século XX, o Clube de Regatas Vasco da Gama era uma das poucas agremiações que conseguiam oferecer um salário para os seus jogadores de futebol. É nesse contexto de precariedade e improvisado que temos não só um capítulo da história do futebol, mas a origem da expressão “fazer uma vaquinha”. (...)

(<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/fazer-vaquinha.htm>.

Acesso em 19-03-2020)

### **Outros erros no *site* da Super Interessante**

#### **De onde vem a expressão banho-maria?**

Dinamar S. Oliveira 31 out 2016

É uma alusão a Maria, uma alquimista tradicionalmente identificada como Miriam, a irmã de Moisés, o líder hebreu que viveu entre os séculos XIII e XIV a.C. A ela é atribuída a invenção do processo de aquecer ou cozinhar lentamente uma substância mergulhando o recipiente que a contém em água fervente. Segundo a Enciclopédia Gastronômica Larousse pode ser também uma referência à Virgem Maria, símbolo de doçura, já que esse termo evoca “o mais doce dos cozinheiros

(<https://super.abril.com.br/historia/banho-maria/>. Acesso em 19-03-2020)

#### **De onde vem a expressão “será o Benedito”?**

por Oráculo 26-4-2017

De Minas, uai.

Em 1933, Getúlio Vargas estava indicando novos governadores, e chefes políticos mineiros temiam que o presidente nomeasse alguém indesejado.

Para não desagradar seus apoiadores, dizia-se que o escolhido de Getúlio seria Benedito Valadares, jornalista, político local e candidato neutro. Muitos, surpresos com a provável escolha, que acabou acontecendo, perguntavam-se: “Será o Benedito?”.

Assim a questão ficou conhecida por expressar contrariedade, surpresa, desalento e perplexidade frente a acontecimentos inusitados.

Fonte: Deonísio da Silva, professor da Universidade Estácio de Sá e autor de *De Onde Vêm as Palavras*

(<https://super.abril.com.br/blog/oraculo/de-onde-vem-a-expressao-sera-o-benedito/>. Acesso em 19-03-2020)

## No site Terra – Educação

### De onde vem a expressão "será o Benedito"?

É só fazer uma travessura e lá vem a vó com aquela cara que mistura decepção e impaciência: "mas será o Benedito?" Como muita coisa na língua portuguesa, a origem dessa expressão tem inúmeras versões, todas de difícil comprovação em registros formais - jornais da época, livros ou outras formas de comunicação escrita -, explica o professor de português Ari Riboldi, autor de três livros sobre a origem das palavras e expressões. A versão mais aceita é a de que a pergunta teria surgido na década de 1930, em Minas Gerais. O então presidente Getúlio Vargas demorava muito para nomear um interventor para aquele Estado. Naturalmente, a demora gerou inquietação entre os inimigos políticos de um dos candidatos ao posto, cujo nome era Benedito Valadares, que perguntavam "Será o Benedito?". (...)

(<http://noticias.terra.com.br/educacao/vocesabia/interna/0,,OI3476337-EI8403,00-De+onde+vem+a+expressao+sera+o+Benedito.html>.

Acesso em 19-03-20)

### Mário Sergio Cortella no Domingão do Faustão

(<https://www.youtube.com/watch?v=ITf5O7VHjnw>. Acesso em 19-03-2020)

#### Até aí morreu o Neves

O filósofo Mário Sergio Cortella endossa (1:45 m) a fantasiosa versão – aquele disparate intencional do Mário Prata – já acima discutida...

#### Inês é morta

E muito errônea a explicação que o filósofo dá a seguir (2:30 m) sobre **Inês é morta**. Em um dos comentários a esse vídeo, até o espectador Arthur Martinelli, aponta o erro:

“Inês é morta” ele [Cortella] falou errado. Foi o PAI do rei Dom Pedro I de Portugal que mandou executá-la porque não permitiu que eles se casassem, e depois que o Dom Pedro virou rei, ele quis coroá-la depois de morta”.

#### Estar com bicho carpinteiro

Depois Cortella explica (3:00 m) que a expressão (entre outras que não contemplarei aqui...) “**estar com bicho carpinteiro**” seria, na verdade, “bicho no corpo inteiro”, o que é um erro, como analisa o blog de Sérgio Rodrigues (16-02-17) na revista Veja:

#### O bicho-carpinteiro e a fraude do ‘corpo inteiro’

Acrescente-se a essa relação [de fraudes] o caso do bicho-carpinteiro. Há mais de um século [na verdade, já aparece em o Pharol do Imperio, em 1837 – nota nossa] esse bichinho bate ponto na expressão “ter (ou estar com) bicho-carpinteiro”, que significa “ser muito inquieto, não parar no lugar”. Faz pouco tempo que os reformadores da fraseologia começaram a espalhar a seguinte tese fraudulenta: “O certo é ter bicho no corpo inteiro”.



Errado. Às vezes atribuído de forma indevida ao professor de português Pasquale Cipro Neto, o dislate do “bicho no corpo inteiro” parte assumidamente da ignorância de um fato básico da língua: o de que existe uma criatura chamada bicho-carpinteiro. “Mas que bicho é esse que é carpinteiro, um bicho pode ser carpinteiro???” pergunta o falso Pasquale, que os três pontos de interrogação bastariam para denunciar. Bicho-carpinteiro é, segundo o Houaiss, o nome popular e genérico de “diversas espécies de besouros, especialmente das famílias dos buprestídeos e cerambicídeos, que durante o estágio larvar brocam troncos e cascas de árvores”. Como se vê, a ideia da velha expressão é propor uma metáfora: a de que, como as árvores sob a casca (*foto*), a pessoa irrequieta tem sob a pele as larvas desses insetos a se remexer constantemente, fazendo cócegas e não a deixando sossegada.

(<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/o-bicho-carpinteiro-e-a-fraude-do-corpo-inteiro/> ; Acesso em 19-3-2020)

### **Será o Benedito?**

Ante um Faustão desvanecido, Mário Sergio Cortella endossa também (5: 30 m) a fantasiosa versão de “**Será o Benedito?**” que discutimos acima... E o pior: diz que “o Mário Prata escreveu um livro com esse nome”, que, na verdade, é um alerta contra delírios na explicação de frases...

### **Quem tem boca vai a Roma**

Não nos poupa sequer a estapafúrdia e apócrifa mudança (7:35 m) de “vai a” por “vaia” (meu Deus!) em “Quem tem boca vai a Roma”, afirmando categoricamente até que “a frase completa era, **inclusive em latim** [!?! - grifo nosso] ‘quem tem boca **vaia** Roma’ (...) depois ficou ‘vai a Roma’”

## **5. Considerações finais: onde vamos parar?**

O mais grave nisso tudo é que professores, que fazem vida acadêmica, vão à mídia, oferecendo menos (e pior) do que poderiam. E o fazem categoricamente, como certezas (e entrevistadores como Faustão e Augusto Nunes, entre outros, docilmente se curvam ante a autoridade dos que elegem como oráculos).

Não é de estranhar que Deonísio da Silva dê a seguinte resposta a Augusto Nunes, em vídeo de “Veja Entrevista” (0:07 m e ss.):

AN: Deonísio, quais são as diferenças entre a universidade pública e uma particular, privada?

DS: Eu acho que na universidade privada, as competências, as hierarquias, elas são definidas, têm que ser definidas pelo mérito; na universidade pública predominam as escolhas ideológicas. Então, você tem nas universidades públicas reitores que não poderiam nem servir o cafezinho [Augusto Nunes faz um comentário jocoso e complacente]. Porque também tem o seguinte, Augusto, nós, professores universitários, nós temos uma sina um pouco triste: eu acho, por exemplo, que um diploma de doutor deveria ter prazo de validade [...]. Porque tem gente que pegou o diploma como uma espécie de licença para matar [...]

AN: Licença para matar e eles assassinam é o sistema educacional. Agora na Estácio, como é que é, lá funciona bem?  
DS: Eu acho que sim, né? Se não funcionar, os errados somos nós, porque lá tem responsabilidade.  
(<https://www.youtube.com/watch?v=ZbM8TO7tPe8&t=234s>. Acesso em 19-03-20)

Após este percurso, no qual lançamos mão de diversos procedimentos de pesquisa e procuramos documentar cada passo, fica como resumo a sentença: **Desconfiar e pesquisar sempre!**

Não importa a autoridade, proveniente de diplomas, títulos, filiação acadêmica ou institucional. Não importa a postura onisciente e a fala categórica (o que só faz aumentar a suspeita...). Não importa a badalação e a subserviência que grandes apresentadores prestem aos gurus da “etimologia”. A única coisa que importa – com perdão da jocosidade da expressão – é examinar o pau que matou (ou teria matado...) a cobra.

Muito obrigado, pesquisem e desconfiem sempre.

Recebido para publicação em 21-03-20; aceito em 02-04-20